

METODOLOGIA QUALITATIVA E QUANTITATIVA NA AVALIAÇÃO DE UM CURSO DE GRADUAÇÃO

QUALITATIVE AND QUANTITATIVE METHODOLOGY IN THE EVALUATION OF AN UNDERGRADUATE COURSE

METODOLOGÍA CUALITATIVA Y CUANTITATIVA EN LA EVALUACIÓN DE LOS CURSOS SUPERIORES

Ernesto Sílvio Rossi Júnior¹
Pola Hasmann Paparelli²
Jaqueline Kalmus³
Renata Paparelli⁴

RESUMO

A análise de pesquisas que avaliam cursos oferecidos por instituições de ensino superior (IES) revela a existência de inúmeros trabalhos que adotam perspectivas quantitativas. Raros são os trabalhos que optam por abordagens qualitativas ou que articulam essas duas abordagens. Tendo em vista essa lacuna e a importância da abordagem desta problemática, optou-se por desenvolver uma pesquisa que garantisse essa articulação. Desse modo, buscou-se investigar as representações dos corpos docente e discente sobre o curso de Administração de Empresas de uma IES. A partir das duas perspectivas (qualitativa e quantitativa) foram investigadas: expectativas a respeito do curso, possibilidades oferecidas pela carreira pretendida, opiniões sobre estrutura curricular e qualidade de ensino, motivos que interferem e/ou determinam as variações do comportamento dos alunos em face de suas expectativas iniciais, relação entre fatores organizacionais e variação de expectativas dos alunos. Para tanto, foram aplicados questionários e realizadas entrevistas com alunos (em grupo) e com professores. A pesquisa revelou que a articulação entre as perspectivas qualitativa e quantitativa contribuiu, de modo substancial, para o aprofundamento na compreensão do fenômeno investigado. Além disso, a pesquisa suscitou novas questões, propiciando, inclusive, a problematização de resultados obtidos por outros trabalhos realizados apenas através de um viés quantitativo. Acreditamos, assim, que a abordagem qualitativa muito tem a contribuir para a temática da avaliação dos cursos oferecidos por IES.

Palavras-Chave: Educação Superior; Avaliação-Métodos

ABSTRACT

An analysis of research that evaluates courses offered by Higher Education Institutes reveals the existence of countless works that adopt a quantitative approach. There is very little work that chooses a qualitative approach and that bring together both approaches. Considering this gap and the importance of the issue, we decided to do research that would bring about this combination. Thus, we decided to investigate the views of teachers and students in a Business Administration Course in a Higher Education Institute. Using both approaches (qualitative and quantitative), the following aspects were investigated: course expectations, opportunities offered by the intended career, opinion about the curriculum and the quality of education, reasons that interfere and/or determine changes in students around their initial expectations, relation between organizational factors and variation of students' expectations. Students were asked to answer questionnaires and were also interviewed in groups and with teachers. The research revealed that the combination of the qualitative and quantitative approaches contributed in a substantial way to deepen the understanding of the phenomenon. The research also raised new questions from the results of other work which had a quantitative approach. We believe, therefore, that the qualitative approach has much to contribute on the issue of evaluating the courses given at Higher Education Institutes.

Key Words: Higher Education; Evaluation-Methods

RESUMEN

El análisis de algunos estudios que evalúan cursos ofrecidos por instituciones de educación superior revela la existencia de una gran cantidad de trabajos que adoptan perspectivas cuantitativas. Son raros los trabajos que optan por enfocar la investigación cualitativa o que articulan las dos. Teniendo en vista esa ausencia y el importante enfoque de esta problemática, se optó por desarrollar una investigación que garantizase esa articulación. De este modo, se buscó investigar las representaciones del cuerpo docente y discente sobre el curso de Administración de Empresas de un Instituto de Educación Superior (IES). A partir de estas dos perspectivas (cualitativa y cuantitativa) se estudiaron las expectativas sobre el curso, posibilidades ofrecidas por la carrera pretendida, opiniones sobre la estructura curricular y la calidad de educación, motivos que interfieren y/o determinan las variaciones de comportamiento de los alumnos ante sus expectativas iniciales, relación entre factores organizacionales y variación de expectativas de los alumnos. Por lo tanto, se aplicaron cuestionarios y realizaron entrevistas con alumnos (en grupo) y con profesores. La investigación reveló que la articulación entre las perspectivas cualitativa y cuantitativa contribuyó, de modo substancial, a profundizar la comprensión del fenómeno investigado. Además, la investigación originó nuevas preguntas, propiciando, inclusive, la problematización de resultados obtenidos para otros trabajos realizados apenas a través de una forma cuantitativa. Nos parece, así, que el enfoque cualitativo contribuye mucho a la temática de la evaluación de los cursos ofrecidos por I.E.S.

Palabras clave: educación superior; evaluación-métodos

¹ Doutor em Física Nuclear pelo Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares - IPEN/SP. Concluindo Pós-Doutoramento na Área de Física Nuclear no Departamento de Física Nuclear da Universidade de São Paulo - USP. Professor do Centro Universitário FIEO - UNIFIEO em Osasco.

² Especialista em Educação Matemática pela Univ. de Guarulhos - UNG. Especialista em Matemática Avançada pela Univ. São Judas Tadeu - SP - USJT.

³ Professora do Centro Universitário FIEO - UNIFIEO em Osasco.

⁴ Psicóloga da Educação. Professora do Centro Universitário FIEO - UNIFIEO em Osasco.

⁵ Psicóloga da Educação pela USP. Professora da PUC - São Paulo. Doutoranda em Psicologia da Educação pela USP.

Endereço para correspondência: UNIFIEO - Av. Franz Vögeli, 300 Vila Yara - CEP 06 020-190 - Osasco - São Paulo - e-mail: esrossi@unifieo.br

INTRODUÇÃO

A análise de pesquisas que avaliam cursos oferecidos por instituições de ensino superior (IES) revela a existência de inúmeros trabalhos que adotam perspectivas quantitativas. Raros são os trabalhos que optam por abordagens qualitativas ou que articulam essas duas abordagens. Tendo em vista essa lacuna e a importância da abordagem desta problemática, optou-se por desenvolver uma pesquisa que garantisse essa articulação. Desse modo, buscou-se investigar as representações dos corpos docente e discente do curso de administração de empresas de uma IES. A partir das duas perspectivas (qualitativa e quantitativa) (1) foram investigadas: expectativas a respeito do curso, possibilidades oferecidas pela carreira pretendida, opiniões sobre estrutura curricular e qualidade de ensino, motivos que interferem e/ou determinam as variações do comportamento dos alunos em face de suas expectativas iniciais, relação entre fatores organizacionais e variação de expectativas dos alunos. Para tanto, foram aplicados questionários e realizadas entrevistas com alunos (em grupo) e com professores. A pesquisa revelou que a articulação entre as perspectivas qualitativa e quantitativa contribuiu, de modo substancial, para o aprofundamento na compreensão do fenômeno investigado. Além disso, a pesquisa suscitou novas questões, propiciando, inclusive, a problematização de resultados obtidos por outros trabalhos realizados apenas através de um viés quantitativo. Acreditamos, assim, que a abordagem qualitativa muito tem a contribuir para a temática da avaliação dos cursos oferecidos por IES.

OBJETIVOS

O objetivo geral desta pesquisa foi o de investigar as representações do corpo docente e discente de um curso de graduação de uma IES, sobre o próprio curso e alguns de seus aspectos, tais como: expectativas a respeito do curso, das possibilidades oferecidas pela carreira pretendida; opiniões sobre estrutura curricular e qualidade de ensino, como também o de identificar os motivos que interferem e/ou determinam as variações no comportamento dos alunos ante suas aspirações iniciais.

METODOLOGIA

Foram utilizadas duas formas de abordagem do fenômeno estudado, a qualitativa e a quantitativa. A composição da equipe, integrada por profissionais especialistas em diferentes áreas do conhecimento (dois psicólogos, um físico e um matemático) propiciou a articulação entre essas duas abordagens, de modo a possibilitar visão mais abrangente da complexidade do objeto do estudo. Foram realizados:

GRUPOS DE DISCUSSÃO COM ALUNOS

Encontros em grupo com alunos do 1º e 3º anos do Curso. Após cada encontro foram feitas a análise das informações coletadas e a elaboração das diretrizes do encontro seguinte, com vistas tanto aos objetivos gerais, prévios aos encontros, quanto às novas questões que surgiam no decorrer do trabalho. Com os do 1º ano foram realizados 4 encontros com duração de aproximadamente

1 hora e frequência semanal, contando com a presença de 6 alunos e das duas psicólogas pesquisadoras (uma coordenadora principal e outra coordenadora auxiliar); com os do 3º ano, foram realizados 3 encontros, com duração aproximada de 1 hora e frequência semanal, contando com a participação de 3 alunos e das duas pesquisadoras psicólogas.

Os procedimentos de investigação adotados foram: dupla coordenação, que permite a otimização do tempo, melhor observação dos aspectos a serem investigados no grupo, maior objetividade para análise dos dados – já que diminui a possibilidade de vieses pessoais – e, também, uma discussão posterior mais aprofundada, contribuindo para o surgimento e a confirmação/refutação de novas hipóteses; discussão em grupo, que propicia o acesso à construção de um conhecimento sobre a realidade, produzido no embate de idéias e representações dos seus integrantes sobre o fenômeno estudado, bem como permite o estudo mais particularizado e, portanto, mais aprofundado, das representações que emergem no grupo(2) e composições gráficas.

Os encontros se estruturaram em três fases: na apresentação dos participantes e do projeto de pesquisa (objetivos, metodologia, devolução dos resultados da pesquisa, etc.), enquadre e início da tarefa propriamente dita; no levantamento e discussão dos temas a serem investigados e na retomada, discussão e articulação de todos os temas abordados durante o processo do grupo, incluindo-se uma análise preliminar dos dados obtidos. Os temas abordados giraram em torno das expectativas e motivação dos alunos antes de ingressarem na instituição(3); dos aspectos relacionados à vivência cotidiana na instituição, tais como a interação entre os alunos, a relação aluno-direção e aluno-corpo docente, a estrutura curricular, a qualidade de ensino, das perspectivas do futuro profissional.

ENTREVISTAS

Nas entrevistas com representantes do Diretório Acadêmico e da Empresa Júnior, os temas abordados foram: história e organização interna tanto do Diretório Acadêmico quanto da Empresa Júnior (fundação, principais atividades realizadas, composição da diretoria, funcionamento); relação entre esses órgãos e outros alunos, corpo docente do curso, e corpo administrativo da instituição, além dos temas discutidos nos encontros em grupo com os demais alunos.

Nas entrevistas com professores – um professor de cada ano – os temas se voltaram à concepção sobre o profissional administrador de empresas; peculiaridades da formação desse profissional pela instituição; às opiniões sobre os alunos (expectativas, motivos da escolha da carreira, etc.); à avaliação do professor sobre o curso e sobre as transformações que vem sofrendo; às explicações sobre a motivação dos alunos no decorrer do curso (como se modifica e quais são os motivos que levam a alterações).

QUESTIONÁRIOS

Foram aplicados em 511 alunos do curso, investigando: o perfil dos alunos e suas aspirações ao ingressarem no curso de Administração de Empresas; a representação dos alunos sobre o curso, contendo questões relacionadas ao

funcionamento institucional, qualidade de ensino(4), corpo docente, entre outros. Foram aplicados em 36 professores, contemplando a totalidade do corpo docente, investigando: perfil do professor; relação entre sua formação acadêmica e sua formação profissional; as representações que os professores têm sobre o curso, em seus aspectos didático-pedagógicos, estruturais, entre outros.

LEVANTAMENTO E ANÁLISE DOCUMENTAL

Foram tabulados os dados referentes a: matrículas, aprovação, retenção, saídas (transferências, desistências, trancamentos), transferências recebidas, dependência e adaptação, segunda época, em relação aos alunos de todas as séries do curso, no decorrer de 4 anos.

RESULTADOS

Um dos aspectos observados na investigação qualitativa foi o da relação entre corpo discente e corpo administrativo da instituição (direção, coordenação de curso, chefia de departamento). Segundo os alunos, há uma grande distância entre eles, o que acarreta um descontentamento em relação às informações a serem obtidas e/ou possibilidades de participação nas discussões/decisões relativas à sua vida acadêmica.

Outro aspecto observado na investigação qualitativa foi o da escolha profissional pelo curso de Administração de Empresas. Esta geralmente parece estar associada ao campo de trabalho diversificado que a profissão oferece, tanto como profissional assalariado – onde se pode trabalhar em diversos setores de uma empresa – quanto como profissional liberal/empresário. Foram vários os depoimentos que atestaram a importância dessa característica da profissão para a escolha pelo curso superior de Administração:

"A gente tem que estudar um pouquinho de cada área, precisa aprender um pouco de pessoal, um pouco de chefia, no caso você vai aprender a como lidar com seus funcionários, vai aprender contabilidade, vai aprender parte financeira. Então você vai sempre poder se encaixar num lugar" (aluno do 1º ano).

"É um curso muito abrangente que vai te dar uma visão de tudo um pouco. Que você vai poder optar por vários tipos de mercado. É um curso que te capacita para uma grande gama de profissões para exercer" (aluno do 3º ano).

Porém, mais importante do que essa diversidade que a carreira de administrador contempla é, provavelmente, o fato de que grande parte do alunado já exerce atividades profissionais relacionadas com a Administração antes do ingresso no curso, o que também ficou claro a partir da análise quantitativa dos questionários respondidos pelos alunos. Assim, a procura por este curso superior vem atender, basicamente, a duas necessidades: a) a exigência de um diploma universitário por parte da empresa em que o aluno trabalha; b) a busca de subsídios teóricos

para um aperfeiçoamento da prática que o aluno-trabalhador exerce em seu trabalho¹. Nas palavras de alguns alunos:

"Eu, particularmente, trabalhava na área de Recursos Humanos do departamento de pessoal, então eu quero, a minha intenção é fazer Pós-Graduação em Recursos Humanos (...). Desde os dezesseis anos estou trabalhando no departamento de pessoal" (aluno do 1º ano).

"Trabalhei em banco, trabalhei em uma outra empresa logo que entrei aqui (...) E como já trabalhei em banco, no departamento financeiro, lá você conhece de tudo do departamento financeiro. Dei sorte de entrar na empresa que eu estou agora. Só me pegaram porque eu faço Administração e porque eu já tenho uma noção de alguma coisa" (aluno do 1º ano).

A relação, quase que de subordinação, da teoria aprendida em sala de aula à prática exercida pelo aluno em seu trabalho perdura por todo o curso, intensificando-se a partir do momento em que as matérias específicas são ministradas, o que ocorre nos terceiro e quarto anos:

• Aluno do 3º ano:

"Porque no 3º ano você vai aplicar um pouco da teoria que você está aprendendo e vai aplicar na sua prática. Se você trabalha na área de Marketing, da área de R.H. tem alguma coisa para você assimilar. Porque eu acho que é no 3º ano que você tem essa fase: 'o que eu gostaria de fazer?'"

• Pesquisador:

"Normalmente relacionado com o trabalho que as pessoas já exercem?"

• Aluno do 3º ano:

"Já exercem. Acho que, geralmente, é porque te prende mais a atenção, né? Que eu vejo, o pessoal que trabalha na área financeira participa muito mais da aula de Mercado de Capitais do que outros. E que já trabalha mais numa área produtiva participa muito mais, muito mais de uma outra disciplina".

Se a prática aparece como grande norteador da conduta do aluno, desde a escolha profissional até seu interesse por uma ou outra disciplina do curso, compreende-se o motivo pelo qual os alunos do 3º ano vivem esse momento do curso como um marco: marco da reflexão sobre sua identidade profissional...

"É no 3º ano que você se identifica: 'esse é o curso que eu quero' ou 'esse é o curso que eu não quero'. Porque o 1º e o 2º ano são matérias básicas: Estatística, Matemática, Contabilidade. E no 3º ano tem muita teoria. No 4º ano você vai aplicar mais essa teoria com sua realidade. Então você fica: 'Pô, será que eu preciso de tudo isso? Será que é necessário eu aprender tudo isso? Será que eu estou no curso certo?' Você tem uma certa expectativa numa determinada matéria e a hora que você vê, sabe, você fica: 'pensei que era uma coisa...' Então: 'Por que que eu vou aplicar isso?'"

¹ A análise dos questionários apontou, além desses, um outro motivo da escolha pelo curso de Administração, qual seja, a possibilidade de realização pessoal. Este motivo não apareceu assim formulado nas entrevistas/encontros em grupo. Mas, há que se notar que a "possibilidade de realização pessoal" aparece sempre atrelada à prática profissional, o que condiz com os dados qualitativos.

² Como visto na análise quantitativa, 399 alunos dentre os 511 que responderam ao questionário afirmaram que sua atividade profissional está total ou parcialmente relacionada com a área administrativa.

(...) Porque é o 3º ano e o 4º ano que vai te dar aquele: 'Sou um profissional na área de Administração'" (aluno do 3º ano).

... e marco do questionamento de sua escolha profissional:

Pesquisador:

"Sei, daí você pode perceber que fez a escolha certa..."

Aluno do 3º ano:

"... como fez a escolha errada: 'É isso que é Administração? Não era isso que eu queria'. Tem gente que está no 3º ano que fala: 'Pô, se eu não estivesse aqui, eu teria feito outro curso. Se eu estivesse no 2º ano com essa visão que eu estou tendo no 3º, eu já teria trancado a matrícula e prestado outra coisa'".

É nesse contexto, que a participação do alunado na empresa Jr. surge como possibilidade da ampliação do engajamento no curso e de uma melhor apropriação da totalidade do conteúdo aprendido em sala de aula, já que permite que o aluno exerça atividades em diversos campos da Administração:

"Então, a UNO Jr. te dá a oportunidade de analisar o quadro todo, o quadro geral de uma empresa. Você é uma empresa aqui. Então fazemos um trabalho todo, desde a linha de frente com os clientes, a parte de levantamento de projetos, a consultoria, a auditoria. Então, a gente vive algumas coisas que, no nosso dia-a-dia no trabalho, não seria possível, você fica parado, sempre num ponto só. Então abre muito os horizontes, expande, você tem realmente condições de aplicar aquilo tudo que a gente recebe de uma forma muito teórica na sala de aula. Esse é o ponto forte da UNO Jr." (membro da Empresa Júnior)

Se, como vimos, a escolha pela profissão de administrador de empresas é feita porque esta parece propiciar um futuro promissor, já que permite a realização de atividades em diversas áreas, por outro lado essa diversidade vem atrelada à difícil identificação das atribuições específicas do administrador, o que acarreta uma certa confusão no que se refere à identidade do profissional: será que as atividades que ele realiza/realizará são, de fato, atribuições específicas da profissão de administrador de empresas?

Somando-se a isso, há o fato de que grande parte dos alunos afirma já trabalhar com atividades administrativas, mesmo sem ser diplomado, o que dá margem ao questionamento sobre o que define a profissão de administrador de empresas: será cursar uma faculdade e obter o diploma de administrador de empresas? Será exercer atividades chamadas de "administrativas" em empresas? Será que essas atividades requerem uma formação universitária para serem desenvolvidas, já que grande parte as realiza mesmo antes do ingresso no curso?

Será que toda sorte de atividades dos setores administrativos de uma empresa, desde as menos especializadas às que requerem maior especialização, são específicas do administrador ,(5)? Será que a identidade profissional só pode ser estabelecida com uma futura especialização em uma das diversas áreas administrativas (Recursos Humanos, Marketing, área de finanças etc.) ?

O único aspecto sob o qual parece não pairar nenhuma dúvida é o fato de que o trabalho deve ser realizado em uma empresa ,(6).

A difícil identificação das atribuições específicas do administrador, associada ao caráter generalista do curso, traz conseqüências tanto para o aprendizado quanto para a visão que os próprios alunos têm de seus colegas:

"O curso de Administração, pelo menos aqui na Instituição, tem uma característica que a gente percebe. É muito imaturo, não com relação ao que a faculdade propõe, mas os alunos não estão num nível de maturidade de Universidade. Então, é diferente se você for fazer a mesma pesquisa no curso de Direito, por exemplo. Se você for fazer uma pesquisa num curso de Medicina qualquer, quem paga um curso de Medicina, quer realmente ser um médico. Agora aqui não, muita gente só quer um canudo, só precisa do diploma. (...) Então, há muito desinteresse, nas próprias aulas, no curso" (membro da Empresa Júnior).

"Quem faz Medicina, vai ser médico. Quem faz Direito, vai ser advogado. Quem faz Administração, pode ser qualquer coisa" (membro da Empresa Júnior)

"Porque Administração, a meu ver, é um curso muito abrangente. Você aprende tudo, mas é tudo um pouco. Você não se aprofunda em nada. Você não vai ser especialista em nada. Você tem uma visão geral" (aluno do 3º ano).

"Direito é mais direcionado, Informática, Contábeis, tudo. Agora, Administração, não. É genérico. Então, eu não sei o que vou fazer da minha vida. Então, vou fazer Administração. Assim, vejo de tudo um pouco. Então, eu não tenho um interesse como outros alunos por parte do curso" (membro da Empresa Júnior)

Assim, na concepção dos alunos, a escolha de uma profissão como a de administrador de empresas é, muitas vezes, uma escolha "imatura": sua abrangência significaria uma indefinição quanto à profissionalização. Mas, como foi visto anteriormente, parece que esta indefinição é inerente ao próprio curso e à própria profissão. Do mesmo modo, pode-se compreender a questão do caráter generalista do curso: se por um lado, esse é um dos motivos que leva, em grande parte, à escolha pela carreira, por outro, impede um maior aprofundamento do curso, gerando descontentamento por parte dos alunos, além de confusões quanto à identidade profissional. Se por um

³ Segundo Paro (1996), o administrador é aquele que coordena e controla as ações dos trabalhadores em uma organização. Sendo assim, algumas das atividades pertencentes aos "setores administrativos" das empresas fazem parte da burocracia da organização, mas não são, a rigor, atividades administrativas.

É interessante notar que, desde o ingresso no curso, vários alunos já se referem ao projeto de cursar alguma especialização/pós-graduação lato sensu:

"Hoje em dia só faculdade não é mais vantagem. Eu vou me formar, depois entrar na Pós" (aluno do 1º ano).

³ A idéia de que o trabalho do administrador quase que necessariamente ocorre dentro de organizações é corroborada por teóricos da área, como por exemplo Motta e Pereira (1981): "Não existe organização sem administração e a recíproca é quase sempre totalmente verdadeira, já que é precisamente dentro das organizações que a administração é exercida" (p. 19).

lado o caráter especialista da função do administrador é de difícil identificação, é este mesmo caráter que leva o aluno a se identificar profissionalmente.

A idéia trazida pelos alunos, de que existe uma contradição entre um curso genérico e uma identidade profissional "especializada" perdura para além dos muros da instituição de ensino: as organizações supostamente exigem profissionais generalistas e especializados, ao mesmo tempo. Nas palavras de um aluno:

"O mercado diz que isso é bom, só que você precisa ser especialista. Precisa ser generalista e especialista. Para o mercado é suficiente saber de tudo um pouco. Na verdade, você tem que ser generalista, porém, no seu trabalho, tem que ser o melhor. Você tem que ser o melhor no seu trabalho. Você é um especialista no seu trabalho" (membro da Empresa Júnior).

Como visto acima, a prática profissional é a grande norteadora do aluno no que se refere à sua formação em Administração de Empresas. É ela que determina, em grande parte, desde a escolha profissional até o interesse do aluno pelas diferentes disciplinas do curso. Mais do que isso, a prática influencia a avaliação que o aluno faz dos professores...

"São matérias mais técnicas, específicas [no 3º ano], e muitos deles [os professores] são profissionais da área e vivem aquilo. A gente vê que manja daquilo, que entende daquilo" (aluno do 3º ano).

"Principalmente na nossa área de Administração, acho impossível a gente ter um professor que não praticou, que não viveu aquilo, não tem aquela vivência, aquela experiência administrativa para estar te passando aquilo que está falando" (membro da Empresa Júnior).

... a prática serve de base para que o aluno reflita sobre a teoria...

"Eu vejo assim: os alunos que trabalham na área financeira participam muito da aula de Mercado de Capitais. Aqueles que trabalham na área mais produtiva, mais na aula de Produção. Assim, é o que tem mais afinidade com a sua área, então você consegue debater, criar um embate com o professor. Tirar suas dúvidas do seu dia-a-dia, com relação à teoria. Mas aqueles assuntos que a gente não tem muito vínculo, não dá para discutir muito. É que nem, tipo, R.H., assim... Eu não tenho como questionar, às vezes eu tento colocar uma posição em particular, minha, mas eu não tenho a realidade (...) Se você não conhece, você vai engolindo, engolindo..." (aluno do 3º ano).

... e é a prática que, na concepção de parte dos alunos, ensina de fato a exercer a profissão:

"É que eu estou [trabalhando] na área de informática. Não pretendo sair tão cedo porque eu não sei fazer outra coisa na vida" (aluno do 3º ano).

O aluno acaba por afirmar que seu conhecimento restringe-se unicamente à sua prática profissional. Ora,

será que ele não adquiriu nenhuma habilidade durante os anos que frequentou a faculdade? Na verdade, a subordinação da teoria à prática aparece de forma tão intensa que o aluno acaba, muitas vezes, por desconsiderar o que aprendeu em sala de aula em detrimento de sua atividade não acadêmica.

Porém, ao fazermos uma análise mais aprofundada do que foi relatado pelos alunos do curso de Administração de Empresas, vemos que, se é a prática que aponta as diretrizes acadêmicas para o aluno, a teoria aprendida em sala de aula tampouco pode ser menosprezada. Ao contrário, ela aparece, de forma clara e freqüente nas falas do corpo discente, mostrando que, em larga medida, a visão de mundo subjacente ao discurso científico administrativo foi incorporada pelos alunos de modo tão "natural" que esta relação com a teoria acaba desapercibida pelos mesmos. Discurso administrativo que, longe de habitar unicamente as salas de aula, permeia, na atualidade, todo o corpo social ,(7).

Exemplo disso são as falas de alguns alunos quando se referem à sua inserção no curso de Administração de Empresas e na faculdade, que evidenciam a forma de raciocínio e o uso de termos/conceitos oriundos do discurso científico administrativo:

"Na realidade, é a relação de cliente-fornecedor que nós temos que ter num contrato de prestação de serviço, que é o nosso aqui. (...) O cliente precisa, tem necessidade de ser bem atendido. No entanto, isso não acontece na íntegra. Eles têm melhorado a partir da ampliação da faculdade, agora nos processos todos que o MEC está avaliando. Ela [a faculdade] quer o objetivo, a meta de chegar à Universidade e tudo isso está sendo positivo, por isso está melhorando o processo" (membro da Empresa Júnior).

"As empresas, na verdade, querem pessoas melhores capacitadas para poderem concorrer melhor no mercado. Isso vai para o MEC ou para órgãos governamentais que também têm que tomar uma ação de gerar essa mão-de-obra mais qualificada. Vai acabar nas faculdades. Então nós sofremos uma conseqüência, até como efeito da globalização. Eu acho que nesse sentido, o que está acontecendo hoje nada mais é do que conseqüência, coisas desse tipo aí. A gente sabe, no passado, não tinha essa concorrência, toda essa cobrança" (membro da Empresa Júnior).

Assim como no discurso dos alunos, sobre a profissão de administrador de empresas, também a fala do corpo docente aponta como característica marcante da profissão de administrador de empresas seu caráter generalista, já que o administrador de empresas é um profissional que transita por diversas áreas dentro de uma organização e detém conhecimentos básicos sobre cada uma delas.

Esse caráter generalista da profissão, segundo o relatado por alguns entrevistados, propicia um campo de trabalho diversificado e ampliado:

"(...) o administrador de empresa, ele não tem aquela formação específica de um economista, por exemplo,

⁴ Cf. Chauí, "O discurso competente", in Cultura e Democracia (1997).

ele não vai ter que trabalhar só na área econômica, ele pode trabalhar na área financeira, na área de marketing, produção e etc., quer dizer, então o mercado fica um pouco maior para ele, tudo bem, que se tem aí uma série de profissionais formados todos os anos. Mas o leque de oportunidades é muito maior porque ele tem uma visão generalista, e é isso que as empresas pedem hoje, eles não querem ninguém com uma visão muito específica, tem que ser um cara que consiga jogar em qualquer time" (Professor 1).

Assim, segundo uma parcela do corpo docente, um Curso de Administração de Empresas generalista permitiria a formação de um bom profissional, apto a realizar as mais diversas tarefas do campo administrativo numa organização:

"Olha, eu costumo dizer para os alunos que se o administrador fosse um médico, ele seria um clínico geral porque de tudo ele conhece um pouquinho, sendo que se ele quiser se especializar, ele vai ter que passar por outra etapa que é a Pós-Graduação. Mas o Curso de Administração, ele dá uma boa base teórica, e muitas vezes até prática, para o futuro profissional que vai lá batalhar na empresa" (Professor 1).

Já uma outra visão presente no discurso do corpo docente afirma que a Graduação, por si só, não seria suficiente. Mais do que isso, o caráter generalista poderia acarretar a superficialidade do conhecimento do administrador:

"(...) eu vejo muita identidade [da administração de empresas] com o jornalismo. Pergunta para um jornalista o que ele acha: "olha, nós temos um curso em que nós entendemos de tudo e não entendemos de nada". Porque tudo o que eles conhecem é superficial, estudam um monte de coisas na superficialidade e daí você vai ler num órgão de imprensa, um artigo mais científico sobre determinada área, não é um jornalista que vai escrever. Porque ele só domina a superficialidade, e quando o jornalista vai fazer alguma análise ele tende a falar coisas que são descabidas (...) quando é jornalista que escreve ele enxerga a superficialidade e ele não domina o que está por baixo, porque ele tem uma formação muito genérica (...) que nem o administrador" (Professor 2).

Assim, alguns professores apontam a necessidade da especialização em alguma das áreas do campo da Administração, realizada após a graduação, para complementar a formação do administrador de empresas. Essa especialização, juntamente com a prática profissional, seria condição necessária para o exercício da profissão; isto é, apenas um curso de graduação não formaria um administrador de empresas:

"Mas ele precisa de um estudo, uma especialização, fazer um estudo continuado dentro daquela área. Porque veja bem, Administração de Empresas não forma administradores de empresas. Só o nome administrador de empresas, dentro da empresa, quase todos são, só que cada um com uma especialização.

Se ele se especializa, por exemplo, na área administrativa, então ele tem que saber coisas sobre matemática financeira, ele tem que entender de balanço. Isso ele vê durante o curso, mas não sai daí um especialista. (...) fazer um Curso de Administração é como fazer um curso de Medicina. Em seguida ou ele vai fazer Clínica Geral ou então para que ele tenha domínio numa determinada área ele vai ter que se especializar naquela área. Que dentro do próprio curso ele não consegue fazer isso" (Professor 3).

Outros professores, espelhando-se no modelo de outros países, acham que o ideal seria que a própria administração de empresas fosse uma especialização. Assim, profissionais de diferentes áreas que necessitassem de conhecimentos administrativos para executarem o gerenciamento das instituições em que trabalhassem, buscariam o curso de especialização em administração de empresas como complementação à sua própria formação. Em suas palavras:

"(...) existe uma posição que defende o seguinte, defende uma forma que funciona em alguns países, na Alemanha principalmente, onde o administrador não é uma carreira na universidade. O administrador é uma especialização. Então como é que seria: o cidadão faz um curso de engenharia, um curso de medicina, qualquer curso na universidade; sai engenheiro, médico... E esse médico precisa dirigir uma empresa de medicina, o engenheiro precisa dirigir uma empresa química; daí ele faz uma especialização de um ou dois anos na universidade como administrador. (...) Até porque na sociedade é assim que você geralmente entra: você entra no hospital, geralmente é um médico que é o diretor. E por que é que o médico é o diretor financeiro? Porque ele tem que dominar algumas coisas de medicina" (Professor 2).

O Curso de Administração de Empresas tem um caráter generalista, preparando o futuro profissional para atuar em diversas áreas; além disso, grande parte de sua clientela já exerce atividades ditas "administrativas" em diversas organizações. A partir da reflexão sobre essas características, um dos objetivos principais das atividades ministradas durante o curso, segundo o discurso docente, seria o de ampliar e transformar a visão que os alunos/profissionais possuem das atividades que exercem em sua prática profissional e também abrir novas perspectivas de trabalho em áreas diferentes daquela exercida pelo aluno em seu trabalho:

"Eles [os alunos bancários] aprendem os coeficientes que usam trabalhando e que nunca souberam de onde surgiram esses coeficientes. Para eles aquilo era, por exemplo, uma determinação do Banco Central. Era ordem superior. Quando na realidade, não. É que o banco tem medo que eles não saibam fazer o cálculo na hora, então já dá tudo em tabelas. Eles tem que seguir, acompanhar aquelas tabelas. Mas agora eles aprendem a fazer a tabela. Eles aprendem de onde veio (...) Eles acabam entendendo, porque para eles aquilo era um mistério" (Professor 3).

"Eu vou te falar como ex-aluno [de administração de empresas]: quando eu terminei o curso, confesso que nos três primeiros meses eu fiquei completamente perdido" E agora o que é que eu vou fazer, para quê o curso me serviu? Então eu comecei a perceber o seguinte: que todas as matérias, principalmente as voltadas para RH — na época eu trabalhava em RH — me serviram para muita coisa; comecei a enxergar a minha área de outra forma. Mas percebi que eu tinha também uma grande chance de mudar de rumo na minha carreira, porque eu comecei a enxergar coisas que até então eu não enxergava. Porque quando você só está na empresa, sem formação técnica, sem o teu curso superior, você só está enxergando o seu mundinho ali, só aquela tua atividade, e você não pára para ver as outras coisas. Aí você começa a ver a área financeira, começa a ver economia, começa a ver orçamento, contabilidade etc.; isso te desperta interesse para outras coisas. Foi isso que aconteceu comigo e eu tenho quase certeza que é isso que está acontecendo com os meus alunos. (...) Eu costumo falar para os meus alunos no 1º dia de aula o seguinte: "Eu quero que no final do ano vocês tenham uma concepção diferente, principalmente da minha matéria. Se você hoje de manhã abre o jornal e vai ler esporte e horóscopo, você vai terminar o ano lendo economia". É isso que eu procuro incentivar e assim a gente tem muitos resultados que são extremamente satisfatórios; eu acho que a faculdade muda a cabeça do aluno" (Professor 1).

É dessa forma que a atividade do professor visa transformar uma das idéias expressas no discurso discente, qual seja a de que a maior parte do alunado, a princípio, só se interessaria por aquelas disciplinas que tivessem utilidade imediata em seu cotidiano laboral. Porém, ampliar o interesse do aluno e propiciar um ensino de qualidade requer especial atenção do professor a aspectos como: relação professor-aluno, relação teoria-prática, didática etc:

"(...) é porque eu tenho o conceito de ensino muito diferente, eu acho, assim, que eu tenho que procurar "n" alternativas para passar o conteúdo para os alunos, para ministrar as aulas, porque os alunos estão cansados daquele negócio do professor só falar, sem dar oportunidade do aluno expressar a idéia dele, dele discutir alguma coisa. (...) Você [o professor] tem que buscar transformar, variar seus métodos, exigir trabalhos que fogem da regra, trazer profissionais de fora para falar da experiência deles etc." (Professor 1).

A estrutura do curso também foi apontada como fator diretamente relacionado com a qualidade de ensino. Em geral, há uma concordância quanto à estrutura de base adotada pela instituição, qual seja, a de um curso básico e generalista, e quanto à necessidade de especialização do futuro administrador de empresas. A forma e momento em que o aluno começa a ter contato com uma visão mais específica, porém, não é consensual: concebe-se a especialização como atividade a ser iniciada somente após a graduação (uma pós-graduação *latu sensu*, que poderia

ser oferecida pela própria instituição)...

"Repare bem, é uma profissão onde normalmente existem áreas em que os formandos de administração normalmente se especializam em uma área. Que em si, o Curso de Administração é mais informativo. Quando ele faz o Curso ele tem uma visão geral da profissão, mas não é específico, não é nada ele não se especializa ele tem uma noção da área de Marketing, uma noção da área de Recursos Humanos, na área de Produção, mas nada assim a nível de especializar-se. Então ele tem que fazer um estudo continuado. (...) Eu procuraria vincular [a graduação e a pós]; por exemplo, a própria escola oferecer áreas para que ele fizesse a pós-graduação nessas áreas. Aí eu acho que seria a escola ideal. Ou que se fizesse um 5º ano, por exemplo, dividindo em áreas em que o sujeito fosse fazendo especialização nessa área" (Professor 3).

... e também concebe-se a especialização como atividade que teria seu início no próprio curso de Administração de Empresas, através da oferta de disciplinas optativas que poderiam iniciar um direcionamento do aluno para determinada área:

"Você poderia fazer alguma coisa em módulos básicos, que seriam alguma coisa como cadeiras-chaves, que todo mundo tem que ter para homogeneizar conhecimento. A partir daí poderia oferecer para os alunos uma maior especialização: se ele quiser se desenvolver um pouco mais em finanças, então eu ofereço na área de finanças essa grade. Ofereço na área de administração mercadológica essa grade. Então eu conceituo basicamente o que é marketing, mercado, as relações, a demanda. (...) Então poderia fazer seminários, cursos, outras coisas que é aí que eu vou complementar" (Professor 4).

Segundo o discurso docente, a característica marcante do aluno de Administração de Empresas da Instituição é o fato de ele já trabalhar com atividades ditas administrativas antes do ingresso na faculdade, notadamente no setor bancário. Nesse sentido, o professorado entende que a escolha profissional da clientela desta instituição de ensino seria motivada, sobremaneira, pela suposta importância que um curso superior teria, atualmente, para o mercado de trabalho, ainda mais um curso valorizado como o de Administração de Empresas:

"Os alunos estão atraídos pelo curso de administração porque oferece a oportunidade de entrar no mercado de trabalho como administrador, o próprio mercado de trabalho valoriza (...) em geral, quem procura administração é porque trabalha numa empresa ou porque vai trabalhar, ou porque vai administrar a empresa do pai, então ele vê que esse é um caminho, uma coisa que o mercado valoriza" (Professor 2).

"Nós temos alguns alunos que já trabalham em empresas, principalmente bancários, (...) porque o aluno já trabalha numa empresa e ele sabe que para ele progredir profissionalmente o diploma de administrador vai ser importante" (Professor 2).

Assim, o diploma de nível superior seria entendido como possibilidade de melhora de posição dentro da organização em que o aluno trabalha e como atributo necessário à empregabilidade; além disso, o curso proporcionaria uma melhor qualificação profissional. De qualquer forma, o que acabaria preponderando seria uma intensa preocupação com o mercado de trabalho, o que levaria o aluno, de modo geral, a uma compreensão de que a formação no ensino superior deveria ter como objetivo fundamental a formação para o mercado; mais do que isso, as disciplinas oferecidas deveriam cumprir o papel de responder às exigências do que os alunos supostamente crêem que é o mercado de trabalho. (8).

Se a preocupação quase que exclusiva de grande parcela do alunado com o mercado de trabalho é passível de ser questionada, não podemos esquecer que também é reveladora de sua situação concreta de vida. Um aluno-trabalhador cujo perfil socioeconômico permite a inserção profissional em atividades como as que realizam nos setores administrativos das organizações em que trabalham, em detrimento das tarefas menos qualificadas dos estratos mais empobrecidos da população (construção civil, linha de montagem etc.), mas que, ao mesmo tempo, impõe a necessidade do trabalho e da melhoria de suas condições de vida como prioridade, podendo relegar a um segundo plano questões acadêmicas não diretamente relacionadas com sua carreira profissional.

A política educacional que dita novas regras para o ensino superior também é alvo da reflexão do corpo docente. Os acontecimentos recentes da Instituição têm certas particularidades, mas estão inseridos em um contexto educacional mais amplo e, dessa forma, devem ser compreendidos. Esse contexto compreenderia etapas anteriores ao próprio ingresso no ensino superior:

"Não é um problema específico desta escola, mas é um problema nacional esse como os alunos chegam a cada ano menos preparados. Nossa, mas isso é generalizado. Eu tenho a impressão de que de dez anos para cá ninguém fez o ginásio para entrar na faculdade ou se fizeram só passaram pela porta.(...) Não dá para entender como chegou na faculdade. E vão sair da faculdade, e vão corrigir isso onde, quando? mas isso não é um problema específico da nossa instituição, isso já é nacional. (...) Mas repare bem, o gozado é que isso vem num crescente. E agora eu fico vendo em jornais que não vão mais reprovar na 1a e na 4a série, que não vão mais reprovar na 5a e na 8a. Acho que não vão mais reprovar no colegial. Já estão fazendo provão na faculdade e daqui a pouco vira só a única prova em todo o curso" (Professor 3).

CONCLUSÃO

Com relação ao corpo discente, tornou-se importante

conhecer seu perfil individual, suas representações a respeito da profissão, do curso, suas relações com os professores e com o corpo administrativo/coordenação. Revelador foi o estudo dos motivos que levam os graduandos a fazer sua opção por este curso: a escolha geralmente parece estar associada ao campo de trabalho diversificado que a profissão oferece: são muitas as funções burocráticas dentro de uma empresa (desde o atendente no Departamento de Recursos Humanos, por exemplo, até o profissional liberal/empresário) que são denominadas funções administrativas: é uma profissão generalista. Mesmo quando se indica a escolha como adequação às aptidões pessoais (à realização pessoal), essas aptidões surgem atreladas à prática profissional: grande norteador da conduta do aluno no curso. É em nome dessa prática que o indivíduo busca o curso à procura de subsídios teóricos para o aperfeiçoamento da prática que já exerce.

Embora a escolha pela profissão de administrador de empresas seja feita porque esta parece propiciar um futuro promissor, já que permite a realização de atividades em diversas áreas, por outro lado essa diversidade vem atrelada à difícil identificação das atribuições específicas do administrador, o que acarreta uma certa confusão no que se refere à identidade do profissional. O momento do curso, quando se iniciam as disciplinas ou atividades acadêmicas diretamente relacionadas com sua prática, determina um marco na reflexão sobre a identidade profissional.

A prática profissional não só é determinante do interesse do aluno pelas diferentes disciplinas do curso como também influencia a avaliação que o aluno faz dos professores, da estrutura do curso,...

Existe uma contradição entre um curso genérico e uma identidade profissional "especializada" que perdura para além dos muros da instituição de ensino, pois as organizações exigem profissionais generalistas e especializados ao mesmo tempo.

Com relação ao corpo docente, tornou-se importante conhecer seu perfil quanto à sua formação acadêmica e profissional bem como suas representações a respeito de sua inserção no curso e instituição. A fala do corpo docente aponta como característica marcante da profissão de administrador de empresas o caráter generalista, visto que este é um profissional que transita por diversas áreas dentro de uma organização e detém conhecimentos básicos sobre cada uma delas. Esse caráter generalista da profissão propicia um campo de trabalho diversificado e ampliado. É comum entre os docentes a colocação de que a graduação por si só não é suficiente, que há necessidade de uma especialização em alguma das áreas do campo da Administração, realizada ou no decorrer da graduação ou como curso de extensão após a mesma. Consideram que esta especialização, juntamente com a prática profissional, é condição necessária para o exercício

⁵ A idéia, presente no discurso discente, de que uma formação superior estritamente voltada para o mercado de trabalho garantiria a inserção do profissional nos melhores postos de trabalho pode ser questionada quando nos valemos de autores (Rifkin, 1995), que investigam a questão da empregabilidade, tendo em vista o contexto atual de desemprego estrutural. Se, por um lado, é verdade que a possibilidade de empregabilidade tem relação com um profissional de formação sólida, ampla e ao mesmo tempo especializada, que transite em diversas áreas, por diversos idiomas, etc., por outro lado, os melhores postos exigem um investimento muito grande na formação que não se reduz nem à formação superior nem às técnicas aprendidas em cursos extra-curriculares de informática, línguas, etc. Trata-se de um idéia presente no senso comum, que cumpre mais a função de alimentar toda uma indústria de certificados, do que realmente propiciar a passagem para os almejados postos de trabalho mais privilegiados.

da profissão: apenas um curso de graduação não forma um administrador de empresas.

A partir de reflexões a respeito do caráter generalista do curso, o professor percebe como um de seus objetivos principais o de auxiliar na ampliação e transformação da visão que os alunos/profissionais possuem das atividades que exercem em sua prática profissional, bem como possibilitar a percepção pelo aluno de suas possibilidades de atuar em áreas diferentes das que atuou até então.

Ampliar o interesse do aluno e propiciar um ensino de qualidade requer atenção do professor a aspectos como: relação professor-aluno; relação teoria-prática; didática....

O fato de o aluno já trabalhar com atividades ditas administrativas antes do ingresso na Instituição o leva à compreensão de que o diploma de nível superior surja como possibilidade de melhora de posição dentro da organização e como atributo necessário à empregabilidade.

A intensa preocupação com o mercado de trabalho leva o aluno, de modo geral, a uma compreensão de que a formação no ensino superior deve ter como objetivo fundamental a formação para o mercado; mais do que isso, as disciplinas oferecidas deveriam cumprir o papel de responder às exigências do que os alunos supostamente consideram que é o mercado de trabalho (questionado por parcela do corpo docente).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 - Marques W. O Quantitativo e o Qualitativo na Pesquisa Educacional. Rev Rede Aval Inst Educ Sup 1997 set.; 2 (3): 5.
- 2 - Minayo MCS. O Desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: HUCITEC; Rio de Janeiro: ABRASCO; 1999.
- 3 - Corrêa EOMA. Interesse, aspirações e expectativas profissionais de estudantes universitários [tese]. Botucatu, SP: IPUSP; 1988.
- 4 - Both, I.J. Avaliação Institucional: agente de modernização administrativa e da educação. Rev Rede Aval Inst Educ Sup 1998 set.; 2 (3): 5.
- 5 - Paro VH. Administração escolar: introdução crítica. São Paulo: Cortez; 1996.
- 6 - Motta FCP, Pereira LCB. Introdução à organização burocrática. São Paulo: Brasiliense; 1981.
- 7 - Chauí MS. O discurso competente. In: Chauí MS Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas. 7a ed. São Paulo: Cortez; 1997.
- 8 - Rifkin J. O fim dos empregos: o declínio inevitável dos níveis dos empregos e a redução da força global de trabalho. São Paulo: Makron Books; 1995.